

TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM EM FOCO: UM ESTUDO DE CASO

Hellen Luz Vieira Novais¹; Emily Rocha Silva dos Santos²

¹Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, 202210215@uesb.edu.br

²Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil, 202111144@uesb.edu.br

Resumo: Este trabalho apresenta um estudo de caso que analisa as manifestações dos Transtornos de Aprendizagem no contexto educacional a partir do acompanhamento de uma criança, para a qual se elaborou a hipótese de Transtorno Específico de Aprendizagem com prejuízo na leitura, caracterizado como dislexia mista. O estudo é fundamentado em discussões teóricas sobre a diferença entre transtornos e dificuldades de aprendizagem, funções psicológicas superiores e funções executivas, além da caracterização dos principais transtornos, com maior enfoque na dislexia. Também são abordados os impactos desses transtornos e o papel da escola e da família no processo educativo. Por fim, são apresentadas estratégias de intervenção voltadas ao apoio e à inclusão do aluno, destacando a importância de ações articuladas para favorecer o seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Transtornos de Aprendizagem. Dificuldades de aprendizagem. Estratégias de intervenção. Estudo de caso. Dislexia.

1. Introdução

As discussões sobre os transtornos e as dificuldades de aprendizagem são essenciais para o campo educacional, sobretudo diante da necessidade de compreender os fatores que influenciam o processo de escolarização e de promover práticas pedagógicas mais inclusivas. Para que seja possível apreender a complexidade deste fenômeno, a literatura destaca a importância de diferenciar conceitualmente os transtornos e as dificuldades de aprendizagem, bem como de considerar os aspectos neurológicos dessas condições, principalmente relacionados às Funções Psicológicas Superiores e às Funções Executivas prejudicadas nelas, e as dimensões contextuais da vida dos educandos, evidenciando que a análise dessa realidade requer um olhar multidimensional que articule aspectos pedagógicos, psicológicos e sociais.

Neste sentido, a investigação foi realizada por meio um estudo de caso, no qual os dados foram coletados por meio de entrevista com a professora regente, possibilitando o levantamento de informações sobre as características do aluno e sobre o seu desempenho em sala de aula. A análise foi realizada com base na literatura especializada sobre o tema, especialmente a partir dos estudos de Dias e Seabra (2013), Estanislau e Bressan (2014), Garcia (2022), Lima, Oliveira

e Lima M. (2024), Rodrigues et al. (2023), Sá, Cussolim e Mota (2025), Salles, Haase e Malloy-Diniz e Maior e Wanderley (2016).

Diante disso, o presente estudo tem como objetivo analisar as manifestações de transtornos e dificuldades de aprendizagem em um caso específico, elaborar uma hipótese de Transtorno Específico de Aprendizagem com prejuízo na leitura, caracterizado como dislexia mista, compreender os fundamentos teóricos relacionados ao tema e discutir possíveis estratégias de intervenção que contribuam para o processo de aprendizagem e para a inclusão escolar do aluno.

2. Características do caso estudado

O caso em estudo é de um aluno de 9 anos de idade, matriculado no 4º do Ensino Fundamental da rede pública, chamado João (nome fictício). Em relação aos aspectos cognitivos do educando, é possível observar que João apresenta um ritmo lento de aprendizagem e um desempenho significativamente baixo em comparação com a média da turma, principalmente em relação à leitura, escrita e matemática. A leitura é caracterizada por ritmo lento e silabado, com trocas entre letras que possuem sons semelhantes, o que também gera dificuldades na compreensão de textos curtos quando realizada de forma autônoma, demonstrando compreensão quando o texto é lido por outra pessoa. Na escrita, evidenciam-se erros ortográficos frequentes, omissões e inversões de letras, além de produções textuais curtas e com repertório vocabular restrito.

Na área da matemática, apresenta dificuldades na resolução de operações básicas e confunde os sinais matemáticos, mas alcança um bom desempenho quando utiliza materiais concretos, sugerindo dificuldades no pensamento abstrato. Além disso, também possui limitações associadas à memória, principalmente quando precisa seguir sequências de instruções e lidar com tarefas que exigem múltiplas etapas, o que impacta diretamente em sua autonomia na execução das atividades escolares.

Em contrapartida, João é participativo em atividades orais, apresentando um vocabulário adequado para a idade e facilidade em se comunicar, sendo capaz de narrar acontecimentos de forma organizada e coerente, evitando apenas situações que envolvam a leitura em voz alta. Participa do reforço escolar duas vezes por semana e recebe atividades adaptadas, como redução dos textos e das atividades, ampliação do tempo para a realização das tarefas e leitura guiada com a professora. É um aluno curioso, criativo, que demonstra interesse em aprender e frequenta as aulas com regularidade.

No que se refere aos aspectos socioemocionais, não há indícios de comportamentos externalizantes, como agressividade ou conflitos frequentes com os colegas, sugerindo boa convivência em grupo e capacidade de seguir regras. Porém, é possível observar a presença de ansiedade em contextos avaliativos e em situações que exigem a leitura em voz alta, quando João apresenta comportamentos internalizantes, evitando participar das atividades, se isolando do restante da turma e demonstrando frustração diante dos erros. Ademais, a professora relatou que ele demonstra sinais de baixa autoestima, evidenciados por falas que exteriorizam sentimento de incapacidade e de autocritica excessiva.

Apesar disso, o aluno demonstra reconhecer suas dificuldades e responde positivamente quando recebe apoio, revelando bons resultados em atividades mediadas e com apoio individualizado, além de persistência e maior envolvimento quando se sente seguro. Seus pontos fortes socioemocionais incluem a facilidade de se comunicar oralmente, a criatividade e a disposição para aprender, aspectos que favorecem as intervenções pedagógicas.

2.2 Hipótese de caso

Os sinais apresentados por João são compatíveis com um Transtorno Específico de Aprendizagem com prejuízos predominantes na leitura: a dislexia mista, que resulta em baixo desempenho na leitura, na escrita e na matemática, conforme descrições da literatura educacional com abordagem neuropsicopedagógica.

João apresenta importantes domínios cognitivos preservados, especialmente relacionados à linguagem oral, que se encontra adequada à sua faixa etária. Ele demonstra bom vocabulário, capacidade de se expressar com clareza e coerência, além de conseguir narrar acontecimentos de forma organizada, o que indica preservação das habilidades linguísticas receptivas e expressivas. Também se observa melhor desempenho quando o conteúdo é mediado oralmente, evidenciando que a compreensão auditiva está preservada. Em matemática, embora haja dificuldades nos registros simbólicos, João apresenta maior rendimento quando utiliza materiais concretos, o que aponta para um alto potencial de raciocínio lógico quando há apoio visual e manipulativo.

No âmbito psicossocial, destacam-se a vontade de aprender, o interesse pelas atividades escolares e a persistência diante de tarefas, especialmente quando recebe apoio individualizado. Sua participação em atividades orais em sala de aula indica iniciativa e envolvimento, além de criatividade e engajamento quando se sente seguro. Esses aspectos revelam aspectos emocionais importantes, que funcionam como fatores de proteção e favorecem a adesão às intervenções pedagógicas e psicopedagógicas.

Os principais prejuízos cognitivos de João concentram-se nas habilidades de leitura, escrita e matemática. A leitura lenta, silabada, com trocas de fonemas semelhantes, indica dificuldades no processamento fonológico e na automatização da decodificação. A compreensão leitora fica comprometida quando depende exclusivamente da leitura autônoma, o que impacta o acesso aos conteúdos escolares. Na escrita, os erros ortográficos frequentes, omissões e inversões de letras revelam fragilidades na correspondência grafema-fonema e na memória de trabalho, resultando em produções textuais curtas e pouco elaboradas.

Além disso, João apresenta dificuldades na memória sequencial e de trabalho, especialmente para seguir instruções com múltiplas etapas, o que interfere na execução de atividades mais complexas e na organização do pensamento. No campo emocional, observa-se baixa autoestima, ansiedade diante de avaliações e frustração frente aos erros, levando à evitação de situações que envolvem leitura em voz alta. Esses fatores emocionais tendem a intensificar as dificuldades de aprendizagem, podendo gerar insegurança, desmotivação e dependência excessiva de mediação adulta, caso não sejam acolhidos adequadamente e trabalhados no contexto escolar e familiar.

3. Fundamentação teórica

3.1 Dificuldades e Transtornos de Aprendizagem

A aprendizagem é um processo cognitivo complexo que se refere a uma mudança comportamental a partir da experiência (Estanislau; Bressan, 2014), ou seja, é quando o indivíduo interage com o meio e, a partir disso, amplia os seus conhecimentos e habilidades. Para que a aprendizagem escolar ocorra de maneira satisfatória, é necessária a organização intencional e sistemática de situações pedagógicas que possibilitem o contato do educando com o objeto de conhecimento. Contudo, existem diversos fatores que podem interferir nesse processo, como, por exemplo, as dificuldades e os Transtornos de Aprendizagem.

Os transtornos e as dificuldades de aprendizagem são frequentemente confundidos por profissionais da educação, mas não devem ser tratados como sinônimos, pois a sua diferenciação é essencial para a construção e implementação de estratégias eficazes e que atendam às especificidades de cada caso. De acordo com Lima, Oliveira e Lima M. (2024), as dificuldades de aprendizagem são defasagens no processo de aquisição de conhecimentos, decorrentes de problemas neurológicos causados por questões externas ao educando, como fatores socioambientais, emocionais ou até mesmo metodológicos, que afetam diretamente na capacidade do cérebro de compreender e/ou reter informações. Em outras palavras, a aprendizagem é prejudicada por dificuldades pessoais, como falta de motivação, baixa

autoestima, perda de um ente querido, mudança de moradia, separação ou desentendimento dos pais, dificuldades físicas/motoras, não-identificação com as estratégias pedagógicas desenvolvidas pelo professor, etc. Já os Transtornos de Aprendizagem possuem origem em alterações neurobiológicas e afetam o funcionamento do sistema nervoso central, comprometendo, individualmente ou em conjunto, habilidades como a leitura, a escrita e a matemática. Esses transtornos ocasionam dificuldades que não podem ser explicadas por razões evidentes e, ao contrário das dificuldades de aprendizagem, não podem ser superadas apenas com estratégias pedagógicas, pois exigem intervenção multiprofissional, já que normalmente são herdadas geneticamente e causam prejuízos persistentes por toda a vida do indivíduo (Estanislau; Bressan, 2014).

3.2 Funções Psicológicas Superiores e Funções Executivas

Segundo Maior e Wanderley (2016), a partir dos estudos da teoria Vygotskyana, o cérebro funciona como um sistema funcional complexo que abrange diferentes áreas que atuam de forma integrada e as Funções Psíquicas Superiores são o resultado dessa interação entre múltiplas zonas cerebrais. As principais Funções Mentais são a Memória, a Atenção, a Linguagem e o Raciocínio, ou seja, funções que caracterizam o comportamento consciente do ser humano e são consideradas “superiores” porque se distinguem dos mecanismos cerebrais de origem biológica, que são inatas nos animais racionais e irracionais, como o reflexo, as reações automáticas ou as associações mais simples. Essas funções permitem que os indivíduos tenham a capacidade de memorizar informações simples e complexas, concentrar a atenção em atividades, evocar lembranças de forma voluntária, imaginar, planejar, construir relações, agir de forma intencional, raciocinar, desenvolver vontades e desejos, usar a linguagem para a comunicação, pensar de forma abstrata e representar as coisas de forma simbólica.

Apesar de não existir um consenso na literatura sobre a sua definição, as Funções Executivas podem ser descritas como um conjunto de habilidades que atuam no controle e na regulação dos processos comportamentais, que incluem a cognição (funções frias) e a emoção (funções quentes), e permitem a execução das ações necessárias para atingir um objetivo. De acordo com Dias e Seabra (2013), o modelo mais aceito pela literatura, criado por Miyake et al. (2000), considera que as Funções Executivas se dividem em três principais habilidades: controle inibitório, desenvolvido na área pré-frontal dorsolateral do córtex pré-frontal, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva, desenvolvidas na área pré-frontal ventromedial/orbitofrontal. O controle inibitório é a habilidade que permite ao indivíduo ter o autocontrole sobre as suas ações e conseguir inibir seus primeiros impulsos, restringindo a

atenção a estímulos irrelevantes e dedicando sua atenção seletiva a atividades necessárias, o que possibilita o controle dos próprios processos cognitivos, emocionais e comportamentais, que impedem a tomada de atitudes por impulso, comportamentos inadequados, estímulos distratores e tendências prévias ou habituais. A memória de trabalho refere-se à habilidade de manter e manipular informações durante a realização de uma tarefa, utilizando-as ou atualizando-as, enquanto relaciona as novas informações apresentadas com conhecimentos já armazenados anteriormente no cérebro. Por fim, a flexibilidade cognitiva relaciona-se com a capacidade que um indivíduo tem de se adaptar a mudanças ou demandas de um ambiente/situação, adequando seu comportamento, encarando problemas por diferentes perspectivas e elaborando novas soluções e alternativas de maneira criativa.

Tanto as Funções Psicológicas Superiores, quanto as Funções Executivas, são necessárias para a vida pessoal, social e acadêmica de um indivíduo, pois elas são utilizadas sempre que surge a necessidade de se envolver em novas atividades ou situações, resolver problemas, estabelecer e cumprir objetivos, etc. (Dias; Seabra, 2013). Portanto, é necessário que essas funções e habilidades comecem a se desenvolver ainda na infância, para que não exista nenhum prejuízo na vida adulta e o sujeito consiga realizar suas atividades de forma autônoma e eficiente nos diferentes contextos no qual está inserido, favorecendo seu desempenho acadêmico e profissional e o bom funcionamento das competências afetivo-emocionais, motivacionais, comportamentais e sociais (Salles; Haase; Malloy-Diniz, 2016).

No caso estudado, apesar de João apresentar potencialidades preservadas, como boa linguagem oral, criatividade, interesse em aprender e maior desempenho quando recebe apoio individualizado, é possível observar prejuízo em funções mentais superiores importantes. Existem indícios de comprometimento na linguagem escrita, evidenciados pela leitura lenta e silabada, trocas entre letras com sons semelhantes, dificuldade na associação entre grafemas e fonemas, erros ortográficos frequentes, omissões e inversões de letras, além de baixa compreensão quando realiza a leitura de forma autônoma. Esses aspectos indicam fragilidades no processamento fonológico, na decodificação e na automatização da leitura. Também se observa prejuízo no pensamento lógico-matemático, manifestado por dificuldades nas operações básicas, confusão de sinais matemáticos e melhor desempenho apenas com apoio de materiais concretos, o que sugere limitações no pensamento simbólico e na abstração.

Ademais, João também possui déficit em suas funções executivas, especialmente na memória de trabalho, pois apresenta dificuldades para manter e manipular informações durante a realização de atividades, como ler e compreender textos curtos, seguir sequências de instruções e executar tarefas com múltiplas etapas. Também pode existir uma possível

difficuldade na flexibilidade cognitiva, especialmente na adaptação a diferentes estratégias e na compreensão de símbolos abstratos, além de fragilidades na autorregulação emocional, observadas na ansiedade diante de avaliações, frustração perante erros e evitação da leitura em voz alta.

3.3 Principais Transtornos Específicos de Aprendizagem

Dentre os Transtornos Específicos de Aprendizagem, Lima, Oliveira e Lima M. (2024) apontam que os principais são: dislexia, caracterizada pela dificuldade persistente no aprendizado da leitura e da escrita; discalculia, relacionada à dificuldade de compreender e manipular os números, não se restringindo aos cálculos, mas também a problemas de raciocínio lógico e compreensão de quantidades e relações matemáticas; e a disgrafia, marcada pelo comprometimento significativo na escrita manual e na transferência de ideias para o texto escrito, identificando-se pela incoordenação motora leve, falta de organização espacial na folha, escrita lenta e letras inconsistentes, como resultado da dificuldade em memorizar e reproduzir a forma das letras. Rodrigues et al. (2023) ainda sinalizam mais dois transtornos: a disortografia, normalmente associada à dislexia, percebida pelos erros ortográficos persistentes na escrita, como a substituição de letras, omissão ou acréscimo de sílabas, trocas entre fonemas, confusões entre grafemas semelhantes, inversões, separações incorretas, generalizações indevidas, etc.; e a dislalia, distúrbio da articulação dos fonemas, caracterizada pela fala alterada e pela dificuldade na produção correta dos sons.

A dislexia, apontada como hipótese de transtorno para o caso do aluno João, é descrita pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (American Psychiatric Association, 2022) como um “[...] padrão de dificuldades de aprendizagem caracterizadas por problemas com reconhecimento preciso ou fluente de palavras, decodificação deficiente e habilidades ortográficas deficientes. [...] (incluindo) dificuldades com compreensão de leitura ou raciocínio matemático.” Ou seja, trata-se de um transtorno que se manifesta principalmente por prejuízos persistentes nas habilidades de leitura e escrita, decorrentes de dificuldades no processamento fonológico e na automatização da decodificação. A dislexia pode se manifestar de maneira visual, auditiva ou mista. A dislexia visual envolve dificuldades na percepção e discriminação de estímulos visuais, associadas a alterações no funcionamento do sistema magnocelular; a dislexia auditiva está relacionada a prejuízos na associação entre sons e letras, decorrentes de alterações no processamento fonológico ou auditivo central; e a dislexia mista reúne características de ambas. Esse transtorno pode ser hereditário ou congênito, mas também

pode ser adquirido, conhecida como “dislexia congênita” ou afasia, que pode surgir “do nada”, até mesmo na fase adulta (Lima; Oliveira; Lima M., 2024).

3.4 Impactos dos Transtornos de Aprendizagem e o papel da escola e da família

A compreensão dos transtornos de aprendizagem exige uma abordagem teórica que considere o desenvolvimento cognitivo, emocional e social do aluno, bem como o contexto escolar e familiar em que ele está inserido. No caso de João, observam-se dificuldades persistentes na leitura, escrita e matemática, apesar de frequência regular, interesse pelas atividades e ausência de comprometimentos neurológicos ou sensoriais aparentes. Esse conjunto de características é amplamente discutido por Garcia (2022), ao abordar sobre os transtornos e dificuldades de aprendizagem, destacando que tais condições não estão relacionadas à falta de esforço ou de estímulo, mas a formas específicas de funcionamento neurocognitivo.

Os impactos dos transtornos de aprendizagem ultrapassam o desempenho escolar. Estanislau e Bressan (2014), destacam que a vivência contínua do fracasso escolar pode afetar significativamente a saúde mental do aluno, favorecendo o desenvolvimento de baixa autoestima, ansiedade, insegurança e sentimentos de incapacidade. João, ao verbalizar percepções negativas sobre suas próprias capacidades e evitar situações de leitura em voz alta, demonstra sinais claros de sofrimento emocional associado às dificuldades escolares. Desse modo, quando não reconhecidas e acompanhadas adequadamente, essas experiências podem gerar desmotivação, evasão escolar e dificuldades de socialização, uma vez que o aluno passa a se perceber como “menos capaz” em relação aos colegas.

No âmbito das relações sociais, os transtornos específicos de aprendizagem também podem interferir na interação com familiares, professores e outras relações sociais. Crianças que apresentam dificuldades persistentes tendem a evitar atividades coletivas que exponham suas fragilidades, o que pode limitar a participação social e o sentimento de pertencimento ao grupo. Embora João apresente boa comunicação oral e participe mais de atividades que não envolvem leitura ou escrita, sua evitação de tarefas escolares públicas indica um mecanismo de proteção emocional frente ao medo do erro e do julgamento, aspecto amplamente discutido nos estudos sobre inclusão escolar e desenvolvimento socioemocional.

Nesse contexto, a observação atenta do professor assume um papel central na identificação e na construção de estratégias de diminuição dos impactos gerados pelos transtornos de aprendizagem. Estanislau e Bressan (2014), ressaltam que o docente, por acompanhar cotidianamente o aluno, é, muitas vezes, o primeiro profissional a identificar sinais

de dificuldades persistentes, como ritmo de aprendizagem mais lento, necessidade constante de adaptações e discrepância entre habilidades orais e escritas. No caso de João, os registros desde a Educação Infantil e os sinais observados ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental evidenciam a importância de um olhar pedagógico sensível e sistemático. Além disso, Mota, Cussolim e Sá (2025), apontam como o diagnóstico precoce, realizado por uma equipe multiprofissional, é fundamental para evitar a cristalização do fracasso escolar e minimizar os impactos emocionais, permitindo intervenções mais eficazes e direcionadas.

A escola, enquanto espaço de desenvolvimento integral, tem responsabilidade direta na construção de práticas inclusivas, promovendo adaptações pedagógicas, como tempo ampliado, redução de atividades repetitivas, uso de materiais concretos e leitura mediada, não devem ser compreendidas como privilégios, mas como estratégias de equidade.

No caso analisado, observa-se que João apresenta melhor desempenho em matemática quando utiliza recursos concretos e maior persistência quando recebe apoio individualizado, o que confirma a relevância de metodologias ativas e diferenciadas. Estratégias como ensino multissensorial, atividades lúdicas, uso de jogos pedagógicos, leitura guiada e avaliações diversificadas são apontadas pela literatura como fundamentais para favorecer a aprendizagem de alunos com transtornos de aprendizagem.

Dessa forma, Estanislau e Bressan (2014), ressaltam como o papel da família é indispensável nesse processo e como o apoio familiar, aliado à compreensão das dificuldades do aluno, contribui para o fortalecimento emocional e para a adesão às intervenções propostas. Reforçando como a família deve atuar em parceria com a escola, evitando rotulações negativas e expectativas irreais, e valorizando os progressos, ainda que pequenos. No caso de João, o incentivo às suas potencialidades, como criatividade, expressão oral e vontade de aprender, pode funcionar como fator de proteção frente aos impactos emocionais das dificuldades acadêmicas.

Assim, o ensino voltado aos alunos com transtornos de aprendizagem deve priorizar uma abordagem que considere o aluno em sua totalidade, integrando aspectos cognitivos, emocionais e sociais. A escola que se manifesta inclusiva não se limita a adaptar conteúdos, mas busca criar um ambiente acolhedor, que respeite e estimule os processos de aprendizagem esperados, dentro de cada faixa etária, promovendo o desenvolvimento da autonomia e da autoestima. Relacionando teoria e prática, o caso de João evidencia que, com uma observação qualificada, diagnóstico precoce, estratégias pedagógicas adequadas e atuação conjunta entre escola e família, é possível reduzir os impactos dos transtornos de aprendizagem e favorecer trajetórias escolares mais positivas e significativas.

4. Possíveis estratégias de intervenção

Primeiramente, destaca-se a importância do diagnóstico precoce, uma vez que estudos de autores como Dias e Seabra (2014), indicam que crianças que possuem algum tipo de transtorno e são investigadas em estágios iniciais apresentam desempenho superior no processo de aprendizagem da leitura.

Nesse sentido, ao constatar que João apresenta um Transtorno Específico de Aprendizagem com prejuízo na leitura (dislexia), se faz necessário traçar estratégias alternativas com intencionalidade pedagógica que auxilie no processo de aprendizagem do mesmo, isso envolve a organização de um plano de intervenção pedagógica sistemático, contínuo e inclusivo, que respeite e estimule seu processo, valorize seus pontos fortes e minimize os prejuízos cognitivos e emocionais observados. O foco deve estar no desenvolvimento das habilidades de leitura, escrita e matemática, aliado ao fortalecimento da autoestima e da autonomia do aluno. Para alcançar esse objetivo, seriam traçados alguns objetivos que auxiliassem nessa intervenção pedagógica, como: Desenvolver as habilidades de leitura e escrita, especialmente a consciência fonológica, a relação grafema-fonema e a fluência de leitura, reduzindo trocas, omissões e inversões de letras; aprimorar a habilidade de leitura oral em voz alta e de forma coletiva, para elevar a autoestima, a autoconfiança e a participação ativa do aluno nas atividades escolares; ampliar o desempenho em matemática, priorizando a compreensão dos conceitos básicos e do pensamento abstrato no raciocínio matemático; e exercitar a memória sequencial e de trabalho ampliando as habilidades de reter, organizar e realizar instruções orais e escritas com múltiplas etapas e de exercer tarefas mais complexas.

A intervenção deve ser planejada de forma individualizada, integrada à rotina da sala de aula e articulada com o reforço escolar. Rodrigues et al. (2023), destacam que,

A intervenção no Transtorno Específico da Aprendizagem (TEAp) possibilita aos alunos que precisam de atenção individual, uma evolução considerável. As ferramentas vão desde a psicoterapia ao design educacional. Assim, a intervenção é moldada a partir da análise dos processos de ensino e aprendizagem, relações professor-aluno, além da família e da escola de maneira multidisciplinar.

Nesse sentido, algumas estratégias de intervenção pedagógica poderiam contribuir para que João apresentasse um melhor desempenho na leitura, na escrita e nas interações sociais, como: atividades de consciência fonológica como jogos com rimas, segmentação silábica, identificação e manipulação de sons iniciais e finais, favorecendo a relação entre letras e sons; leitura guiada em voz alta pela professora, leitura compartilhada em duplas ou pequenos grupos, com apoio visual e questionamentos que auxiliem na compreensão de textos curtos; uso de estratégias multissensoriais como letras móveis, cartões com imagens e palavras, atividades que

envolvam visão, audição e movimento, facilitando a aprendizagem da leitura e escrita; adaptação das produções escritas, permitir registros por meio de frases curtas, por exemplo, usar esquemas, desenhos ou apoio de palavras-chave, reduzindo a sobrecarga cognitiva; intervenções em matemática com materiais concretos, como blocos, palitos, jogos matemáticos e recursos visuais para trabalhar operações básicas e compreensão dos sinais matemáticos; organizar tarefas em etapas curtas, com instruções claras, objetivas e sequenciadas e checagem de compreensão antes do início da atividade; e, por fim, avaliação formativa flexibilizada, com olhar mais significativo para o processo do que apenas o resultado do produto final, oferecendo tempo ampliado e diferentes formas possíveis de demonstrar o aprendizado (oral, prática, visual).

Para que seja possível alcançar bons resultados, torna-se imprescindível o investimento em formação inicial e continuada de qualidade para os profissionais da educação, ampliando o repertório teórico e prático do docente e estimulando a reflexão crítica sobre as práticas pedagógicas que são desenvolvidas, para que seja possível analisar as estratégias mais eficazes para cada aluno de acordo com suas dificuldades, ajustando o planejamento sempre que necessário. Acrescenta-se a essencialidade de adotar metodologias diversificadas, que possam contemplar diferentes estilos de aprendizagens, indo além das práticas tradicionais centradas apenas na leitura e escrita convencionais, trabalhando de forma colaborativa, dialogando com a equipe pedagógica, profissionais de apoio, família e reforço escolar, garantindo intervenções coerentes e alinhadas. Por fim, é preciso pensar na importância da promoção de um ambiente acolhedor, que valorize o esforço, respeite o erro como parte do processo de aprendizagem e fortaleça o vínculo professor-aluno. Dessa forma, a prática docente deixa de ser apenas transmissiva e passa a ser mediadora, reflexiva e inclusiva, contribuindo para a superação das barreiras de aprendizagem e para o desenvolvimento integral do aluno.

5. Conclusões

A realização deste estudo possibilitou ampliar a compreensão acerca dos transtornos de aprendizagem, evidenciando sua complexidade e a necessidade de um olhar multidimensional que considere aspectos cognitivos, emocionais e sociais. Ao longo desse processo formativo, tornou-se evidente que compreender as diferenças entre transtornos e dificuldades de aprendizagem, refletir criticamente sobre o papel da escola, do professor e da família no processo de identificação e construção de estratégias de apoio ao estudante, bem como conhecer as principais características de condições como a dislexia para reconhecê-las no contexto escolar, vai muito além da simples apropriação de conceitos teóricos.

A discussão sobre as dificuldades e transtornos de aprendizagem no curso de formação de professores evidencia a importância da sensibilidade, da escuta e da observação atenta aos educandos, além do compromisso com práticas pedagógicas inclusivas, que considerem as especificidades de cada aluno e promovam oportunidades reais de aprendizagem significativa. Nesse percurso, compreendeu-se que o diagnóstico precoce, aliado a intervenções adequadas e ao trabalho colaborativo entre escola e família, pode minimizar impactos acadêmicos e emocionais, favorecendo o desenvolvimento integral do educando. Assim, torna-se possível consolidar uma compreensão mais crítica e fundamentada sobre a temática, permitindo reconhecer que a identificação e o acompanhamento das dificuldades e transtornos de aprendizagem constituem parte essencial do fazer pedagógico.

Referências Bibliográficas:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-5-TR: **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. rev. Porto Alegre, 2022.

DIAS, Natália Martins. SEABRA, Alessandra Gotuzo. **Funções Executivas: desenvolvimento e intervenção**. Temas sobre Desenvolvimento. Santa Catarina, p. 205-212, jan. 2013.

ESTANISLAU, Gustavo M. BRESSAN Rodrigo Affonseca. **Saúde Mental na Escola: O que os Educadores Devem Saber**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GARCIA, Carolaine de Santana. **Transtornos e dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: um olhar sobre a prática pedagógica**. [S.l.]: Universidade Estadual Paulista (Unesp), 24 mar. 2022.

LIMA, Aldeires Morais; OLIVEIRA, André Luiz Santos de; LIMA, Maria de Morais. Reflexões sobre as diferenças entre dificuldades e transtornos de aprendizagem. **Revista Tópicos**, 2024.

RODRIGUES, Michele Aparecida Cerqueira; SILVEIRA, Francis Moreira da; LOPES, Gabriel César Dias; MARIE, Simon. A abordagem neuropsicopedagógica em transtornos específicos da aprendizagem: um resumo. **Revista Caderno Pedagógico**. Curitiba, v.20, n.1, p. 19-39, 2023.

SÁ, Claudia Maria Mendes; CUSSOLIM, Maristela; MOTA, Guadalupe Corrêa. Previsões legais e práticas inclusivas: desafios e possibilidades na educação de alunos com dificuldades e transtornos de aprendizagem no Brasil. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**. Santos, v. 17, n. 44, p. 77-96, jan/abr., 2025.

SALLES, Jerusa Fumagalli; HAASE, Vitor; MALLOY-DINIZ, Leandro. **Neuropsicologia do desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

MAIOR, Carmen Denize Souto; WANDERLEY, José de Lima. **A teoria vygotskyana das funções psíquicas superiores e sua influência no contexto escolar inclusivo**. II congresso internacional de educação inclusiva, Campina Grande, 2016.